

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

- NIVIA LANZMASTER -

AUTOEDUCAÇÃO

CONCEITOS, MÉTODOS E PRÁTICAS
DE ENSINO DE ESTUDO INDIVIDUAL



- NIVIA LANZMASTER -

AUTOEDUCAÇÃO
CONCEITOS, MÉTODOS E PRÁTICAS
DE ENSINO DE ESTUDO INDIVIDUAL

Editora RECANTO das LETRAS

© Nivia Lanznaster

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão (da autora): Maria Ignez de Souza Lima Figueiredo
Diagramação: Michael Vasconcelos
Imagens: Depositphotos
1ª edição – agosto de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lanznaster, Nivia

Autoeducação : conceitos, métodos e práticas de ensino de estudo individual [livro eletrônico] / Nivia Lanznaster. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2020.

80 p.

ISBN: 978-65-86751-14-7

1. Educação 2. Autodidatismo I. Título

20-2360

CDD 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação

SUMÁRIO

Prefácio	5
SEÇÃO 1 - A AUTOEDUCAÇÃO	7
Projeto do livro: uma iniciativa da autora	8
A autora	10
A autoeducação na infância	11
A brincadeira torna-se realidade	12
A importância dos recursos educacionais	14
O problema	16
A tecnologia é a solução?	19
A solução	24
Por dentro da autoeducação	25
A autoeducação e a mente	28
Introdução ao ensino individual	38
As fases do estudo individual	38
O princípio da autoeducação	41
O processo cognitivo	41
As fases e o método da autoeducação	44
1ª fase – de mãos dadas	44
2ª fase – soltando as mãos e caminhando juntos	45
3ª fase – caminhando com as próprias pernas	47

SEÇÃO 2 – CONCEITOS BÁSICOS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESTUDO INDIVIDUAL	52
Estudo individual	53
Como o aluno aprende	54
Estratégias pedagógicas	55
Método PQLR de estudo	56
Planejamento	58
Avaliação	64
O caminho da aprendizagem do seu aluno	70
Ferramentas para a mudança pessoal	72
Mensagem final da autora	77
Referências bibliográficas	79
Revisora	82

PREFÁCIO

A autora traz brilhantes pesquisas e experiências sobre educação e métodos de ensino neste livro, que, por linguagem direta e acessível, atingirá a todos os públicos, principalmente curiosos e dedicados ao saber. Assim, é sobretudo direcionado aos que ensinam e aprendem, ou seja, ao mundo inteiro.

A satisfação que tive ao ler este livro, em pouco menos de duas horas, fez com que eu quisesse estudá-lo, pormenorizadamente, pois sou professor desde 5 de junho de 1992. Ministrei diversas disciplinas das áreas de exatas e de humanas, identificando-me com o autoestudo pela plena eficácia que obtive durante a vida e, principalmente, no magistério por assim proceder. Empiricamente, realizei uma boa parte do que foi escrito na cidade de São Sebastião, estado de São Paulo, em muitas escolas públicas e privadas. Por isso, concordei com o que foi fundamentado em pouco menos de 90 páginas, já que me recordei de muitas experiências vividas quase que instantaneamente. Atestei que o que fiz foi, durante uma vida, eficaz. Com o livro, agora, apreendi o embasamento, o método e a explicação. Sintonia completa com o pensamento da autora e feliz por ter propiciado isso tudo aos meus milhares de alunos, sendo que, doravante, terei mais facilidade do que antes, seja para ministrar aulas, seja para orientar quem quiser estudar.

O norte que foi dado por este breve livro é uma lição a ser guardada e aplicada por todos durante toda a existência. Lendo e relendo, consegui entender que o autoestudo é um exercício

diário que deve ser meta contínua e para sempre, tanto para experiência comum e/ou vivência quanto para se aprofundar em quaisquer disciplinas, artes, ofícios e ciências.

Agradeço à Nívia Lanznaster por ter ensinado esta preciosa lição.

João Carlos de Souza Lima Figueiredo
Advogado e professor
Juiz de Fora – MG, 1º de junho de 2020.

– SEÇÃO I –
A AUTOEDUCAÇÃO

Objetivos da seção

Ao final da leitura, você deverá:

- Entender a história da autoeducação na infância;
- Ser capaz de identificar o problema da educação brasileira, os recursos e a solução;
- Compreender o que é autoeducação: suas fases, métodos, práticas pedagógicas e processo de aquisição de conhecimento.

PROJETO DO LIVRO: UMA INICIATIVA DA AUTORA

Após 30 anos de experiência em psicologia, atuando na área de educação, eu tinha o desejo de realizar um projeto acessível a essa área. E assim, depois de muito estudo e pesquisa, o grande quebra-cabeça das reflexões, percepções e experiências de vida e profissão se encaixaram. Nasceu o projeto eTeach, com o intuito de desenvolver recursos autoeducativos e salas de aula virtuais para o professor.

Este livro tem como objetivo apresentar um estudo realizado por mim sobre autoeducação, seus conceitos e métodos. Inovador e relevante para a educação, capacitará o professor a compreender a teoria e os métodos do estudo individual de modo a ajudar os seus alunos a adotá-lo no processo acadêmico. Na atualidade, é imprescindível que as pessoas tenham habilidades de autoestudo. O ensino atual ocorre por meio de tecnologias; e o mercado de trabalho, cada vez mais, exige pessoas autônomas com responsabilidade individual para aprender e apropriar-se da cultura.

Poucos estudos foram realizados sobre esse assunto nas últimas décadas. Entretanto, muitos pesquisaram sobre o estudo colaborativo, como o cérebro aprende, dinâmicas de disciplina para a sala de aula e dinâmicas de aprendizagem em grupo e através de tecnologias.

Esse estudo vem preencher uma lacuna na educação juntamente com o projeto eTeach (<https://eTeach.com.br/>), que significa ensino eletrônico. O termo foi criado devido à necessidade de conceituar corretamente os tipos de educação eletrônica. Ao contrário do eLearning, que é orientado para o estudante, o eTeach tem o foco também no docente, isto é, não se trata de uma aprendizagem desvinculada de um professor. Em vez disso, é o fornecimento de ensino e treinamento através de recursos

digitais por meio de dispositivos eletrônicos como computadores, tablets e até telefones celulares conectados à internet.

O eTeach abarca todas as ferramentas da TICD (Tecnologias de Informação e Comunicação Digital), que permitem ao professor e às instituições de ensino utilizar mais tecnologia para ensinar interativamente alunos do século XXI, baseando-se em um plano de ensino diretivo ou autodiretivo equilibrado com controle sobre o conteúdo e o processo de aprendizagem.

Além disso, nossa plataforma promove o ensino baseado no que o professor e/ou instituições julgarem mais adequados para seus estudantes, propiciando liberdade de escolha de métodos de ensino, abordagens pedagógicas e psicológicas. Com eTeach, a vida do professor é mais flexível, atraente, com maior disponibilidade de tempo para preparar aulas e pesquisar conteúdos, recursos e métodos. Tanto instituições de ensino quanto professores independentes podem se beneficiar deste recurso.

O professor que faz uso desta ferramenta pode arranjar a sua agenda no seu ritmo, no seu lugar. Não precisa enfrentar problemas com transporte e estacionamento, por exemplo. Ele pode dar a sua aula em qualquer local com acesso à internet. Não existe eLearning se não houver um excelente eTeach, tanto em sala de aula física quanto virtual. Esta é uma plataforma na qual você encontra todos os recursos e ferramentas necessárias para criar um curso interativo equipado com todos os componentes de um bom ambiente de ensino e aprendizagem. O serviço de suporte tecnológico conecta alunos aos professores, permitindo que aprendizes esclareçam suas dúvidas imediatamente. Como professor de uma sala de aula digital, você pode fazer muito para melhorar o processo de aprendizado de seus alunos, criando um curso on-line na nossa plataforma.

O ensino com eTeach traz a disponibilidade de recursos de estudos simplificados, a possibilidade de sanar dúvidas em

tempo real e um ambiente sem conversas para facilitar a concentração dos alunos.

Para projetar uma boa atmosfera de eTeach, você deve se perguntar: “Que atividades posso promover que envolvam meu público-alvo e incentive-o a aplicar seu aprendizado?”, ou “Quais atividades podem ser criadas para atrair interesse e promover o aprendizado permanente?”.

Atividades interativas são sempre bem-sucedidas, ainda mais quando aliadas a avaliações, como questionários e verificações de progresso, pois eles aprimoram o engajamento e o sucesso do seu curso à medida que mais e mais alunos adquirem conhecimento e obtêm melhor desempenho nos estudos. As recompensas profissionais e financeiras, junto da satisfação com o resultado de sua aula ou curso, são alguns dos inúmeros motivos para você, professor, adquirir a sua sala de aula exclusiva. Conquiste a liberdade de projetar o seu curso e a sua aula com eTeach! Acesse: <https://eteach.com.br>.

Não anseio ter todas as respostas, mas apenas provocar e estimular outros estudos mais profundos para o avanço científico na área da educação.

A AUTORA

Eu, Nivia Lanznaster, sou pedagoga e Mestre em Desenvolvimento Regional pela FURB – Universidade Regional de Blumenau (1992 e 2014). Sou também psicodramatista e psicóloga pela UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí (1997 e 1998).

Atuei como professora no Colégio Dr. Blumenau e na Prefeitura Municipal de Blumenau. Além disso, assumi o serviço de psicologia escolar no Colégio Dr. Blumenau.

No ano de 1998, fundei, em parceria com outros profissionais de saúde, a Clínica Apoio Consultoria Educacional e Humana Ltda. Ocupei o cargo de Psicóloga Clínica atendendo

crianças, adolescentes, adultos, grupos e famílias até o ano de 2012.

De 2004 até 2016, atuei como docente no Grupo UNIASSELVI. Fui vice-coordenadora do Núcleo de Psicólogos Empreendedores (ACIB) em Blumenau – SC, fundadora da empresa eTeach e profissional de psicologia clínica.

A AUTOEDUCAÇÃO NA INFÂNCIA

Aos quatro anos de idade, eu já brincava de professora. Meus alunos eram algumas figuras de pessoas que eu recortava de revistas. Brincando, percebi um problema: para ensinar, precisava, eu mesma, saber ler e escrever. E, por querer muito ensinar, aprendi a ler aos cinco anos de idade. Essa brincadeira foi a minha primeira experiência de autoeducação e despertou em mim o interesse em estudar e desenvolver recursos para os ensinamentos eletrônico (eTeach) e autoeducativo.

Aos 7 anos de idade, iniciei os estudos em uma escola em Balneário Camboriú – SC. Por já estar alfabetizada, passei por um teste para verificar meus conhecimentos, cujo resultado classificou-me como apta a frequentar a segunda série. Então, a equipe pedagógica propôs à minha mãe a transferência direta, mas ela não autorizou. Por motivo de mudanças de residência, fiz a segunda série em São Paulo – SP; a terceira, em Campo Grande – MT; e da quarta série em diante, no estado de Santa Catarina.

Na minha educação formal, decoravam-se conteúdos para as provas. O sistema de ensino introduziu o hábito de sentar em sala de aula e esperar o professor apresentar os conteúdos de aprendizagem extremamente organizados. Como professora, posteriormente, repeti o mesmo sistema com meus alunos. Entretanto, isso formata a mente e torna-a dependente,

conflitando com os requisitos do perfil profissional esperado pelo mercado de trabalho.

A BRINCADEIRA TORNA-SE REALIDADE

Aos 13 anos, decidi o que não queria ser quando crescesse. Morava no município de Blumenau e, naquela época (década de 80), predominava a indústria têxtil. Por isso, era comum que o primeiro emprego dos adolescentes de catorze anos fosse a produção têxtil.

No entanto, em 1981, soube, através de minha mãe, de uma vaga para professora (naquela época, monitora) na Associação São Roque, mantida pela Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor (FUCABEM). Fui imediatamente conversar com a coordenadora local. Tinha, então, 15 quinze anos de idade.

Após uma entrevista com a coordenadora da FUCABEM, fui encaminhada para outra entrevista com o coordenador-geral na sede da matriz do município. Fui aprovada e iniciei minhas atividades profissionais como monitora no final do ano de 1981. Nessa função, tive experiência com dois grupos distintos: o primeiro, composto de crianças de 2 a 8 anos de idade; o segundo, de adolescentes. Trabalhei por um ano com o primeiro grupo, realizando atividades pedagógicas como instrução de conteúdo, acompanhamento das tarefas escolares, cuidados de higiene e saúde e orientações aos pais.

Essa primeira experiência profissional possibilitou a descoberta de minha vocação. Nos anos seguintes, vieram outras oportunidades na área da educação, que me levaram a buscar capacitação tanto em educação quanto em psicologia. Costumo dizer que primeiro tive a experiência prática para depois aprender a teoria, podendo conectar ambas.

Como monitora da FUCABEM, percebi que as crianças eram extremamente pobres, com pouco acesso a materiais educacionais. As famílias eram totalmente dependentes das instituições de bairro, de creches, da FUCABEM, da escola, da igreja e do posto de saúde público. Recebiam dessas instituições, da prefeitura e do governo estadual e federal o apoio e cuidados necessários. De modo geral, haviam estabelecido um espírito comum de dependência dessas instituições.

Todavia, mesmo sendo atendidos prontamente, eram frequentes as queixas. Queriam que fosse obrigação do Estado fornecer tudo de que precisavam. Quando uma crença comum se estabelece, torna-se muito difícil mudá-la. As crianças e os adolescentes trilhavam o mesmo caminho de seus pais: demonstravam pouco esforço para a conquista pessoal e eram, por outro lado, muito exigentes em relação aos serviços públicos e ao pronto-atendimento. A saída era conscientizar famílias e jovens sobre a importância de esforçar-se para obter conquistas pessoais, o que, na época, entendi como uma missão.

Esse desafio encontrei não apenas em escolas de periferias, mas também nas de classe alta nas quais trabalhei. Embora ainda não tivesse me aprofundado em temas como autonomia, pensamento crítico, métodos de autorreflexão e práticas educativas associadas aos elevados valores humanos, já os praticava, pois a realidade imediata mostrava-me ser essa a necessidade dos meus alunos.

Através de meu filho, médico e estudioso de filosofia, conheci a obra do filósofo Olavo de Carvalho. Identifiquei tudo aquilo que eu praticava – e em que acreditava – em seus livros, videoaulas, artigos e pensamento filosófico. Após tanto tempo sem respaldo teórico, senti alívio ao saber que ali havia algo com o qual me identificava e que buscava. Foi então que se iniciou o desenvolvimento do projeto eTeach, com o respaldo teórico de um filósofo que praticava a autoeducação em oposição às

teorias que apenas reforçam a ideologia vigente: de dependência e exigência perante o Estado para o bem-estar social.

Atualmente, estou nos Estados Unidos, experimentando, verdadeiramente, o espírito da democracia e da autonomia no dia a dia, e não a idealização dos livros. A sensação que tenho é a de que o meu espírito encontrou o seu lugar, aliado ao pensamento e à prática educacional de Olavo de Carvalho, que também reside neste país e estuda continuamente.

A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS EDUCACIONAIS

Diante do desafio da complexidade humana e da sobrevivência, sempre houve a preocupação em criar artefatos para melhorar a qualidade de vida. Ao longo dos séculos, povos desenvolveram tecnologias e acumularam conhecimentos passados de geração a geração. O legado do conhecimento humano foi organizado de maneira que as futuras gerações pudessem acessá-lo.

As escolas, como as conhecemos hoje, foram criadas com o intuito de manter o conhecimento e, ao longo dos tempos, cumpriram o papel de transmitir o legado da humanidade. Porém, foram utilizadas também como meio de ideologização e passaram a ser braços de sistemas totalitários e absolutistas. Como resultado, formaram pessoas dependentes, com pouca capacidade de reflexão e inovação e inaptas para compreender e responder adequadamente a um mundo de sistemas ideológicos. Desempenhou, e ainda desempenha, exclusivamente, o papel de transmitir conhecimentos sem a autorreflexão, com o agravante de uma educação tendenciosa e ideológica. Esse sistema atrofia a mente do indivíduo e reforça a hegemonia de pensamento, indo na contramão da verdadeira educação.

Para o indivíduo educar-se, ele deve ter em mente que a aquisição da cultura é uma experiência individual. Uma pessoa só pode progredir intelectualmente quando se interessa pela

ordenação do mundo e questiona como organizar a sua individualidade para encaixar-se no cosmos.

Dito isso, vale ressaltar que o indivíduo faz parte do todo: quando nasce, já existe um mundo que foi compreendido e estudado, de forma que ele não precisará compreendê-lo e ordená-lo sozinho novamente. Para isso existem as tradições, os filósofos e os livros clássicos. A existência humana é muito curta para que um indivíduo se proponha a ordenar o mundo do zero. Seria uma tarefa impossível. Mais ainda, o ser humano pertence à sua própria época ao mesmo tempo que está ligado à história da humanidade e do pensamento. Logo, não só não pode recriar indefinidamente sua ordenação, como também deve progredir sobre o que já foi fundado.

Até recentemente, esse conhecimento acumulado era apenas encontrado em bibliotecas e/ou transmitido por professores. Após o advento da internet, o saber ficou muito mais fácil de ser acessado por um grande número de pessoas através de livros, videoaulas e artigos muito além do que se podia obter em uma sala de aula ou biblioteca.

Além disso, a web propiciou a difusão de autores que antes não eram permitidos nem apresentados nas instituições de ensino, muito menos citados em teses e artigos científicos. Assim, pessoas hoje podem acessar tesouros que ficaram escondidos por anos. Autores conservadores, por exemplo, tiveram espaço de exposição através dessa rede. Consequentemente, esses novos conhecimentos impactaram a estrutura hegemônica existente e impulsionaram mudanças concretas inclusive na política.

Mas todo esse potencial da tecnologia é subutilizado na educação privada, que a aproveita muitas vezes apenas como recurso de marketing. Pior ainda, o currículo escolar mantém o mesmo conteúdo e autores de décadas de doutrinação. Dessa forma, a tecnologia é apenas mais um instrumento de transmissão de conteúdo, pois o ensino e a aprendizagem permanecem sob um sistema totalitário com viés ideológico de esquerda.

Há necessidade urgente de elaboração e desenvolvimento de recursos de autoeducação em prol da liberdade do professor brasileiro, a fim de que seus alunos possam exercer o pensamento crítico através da dialética das oposições e sejam eles mesmos os convocados a encontrar a verdade. O mestre não pode fazer pelos alunos esse exercício dialético; pode, apenas, disponibilizar variadas fontes de informação para tal.

O PROBLEMA

A educação brasileira vem apresentando, nas últimas décadas, desempenho decadente na avaliação mundial realizada pelo PISA – *Program for International Student Assessment* (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes)¹, que compara, internacionalmente, o desempenho dos estudantes na faixa etária dos quinze anos. O PISA avalia os seguintes domínios: Leitura, Matemática, Ciências, Letramento e Competência Global. O ex-ministro da Educação, Abraham Weintraub, em uma entrevista coletiva concedida no dia 03 de dezembro de 2019, pronunciou-se sobre o baixo desempenho dos estudantes. O ministro culpa anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT):

– Não dá nem para atribuir ao Temer, que ficou muito pouco no poder.

Segundo ele, a educação brasileira está estagnada:

– Não houve progresso, estatisticamente. A despeito do que já foi investido, estamos de lado.²

1. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa>> Acesso em: 20 jun 2020.

2. PIERI, Bruna de. Estamos sim em último lugar, afirma o ministro da Educação sobre Pisa 2018. Terça Livre, 03 dezembro 2019. Disponível em: <<https://www.tercalivre.com.br/estamos-sim-em-ultimo-lugar-afirma-o-ministro-da-educacao-sobre-pisa-2018/>> Acesso em: 20 jun 2020.

Sob o comando de Weintraub, o Ministério da Educação implementou projetos que visam provocar mudanças efetivas no ensino³: educação conectada, diploma digital, Conta pra Mim, ID estudantil, Novos Caminhos, Escola Cívico-Militar, Caderno PNA e Future-se. A detecção do problema do baixo desempenho da educação no Brasil veio através de várias fontes como a avaliação do PISA, documentários em programas de TV, a mídia, pesquisas bibliográficas e pesquisadores da área da educação. Por meio de minha experiência como professora e psicóloga educacional, através do método da observação, consegui obter resultados sobre os possíveis motivos do baixo desempenho dos estudantes brasileiros nas últimas décadas.

Quadro 1 – Resultado do estudo sobre os motivos para o baixo desempenho dos estudantes brasileiros.

- ✓ da profissão de professor não ser atrativa e não ter reconhecimento na sociedade;
- ✓ da formação precária de professores;
- ✓ do currículo e material didático;
- ✓ dos professores perderem tempo disciplinando os alunos;
- ✓ da ênfase em práticas de dinâmicas e técnicas disciplinadoras;
- ✓ da ênfase em dinâmicas e técnicas de relacionamento em sala de aula;
- ✓ da ênfase em trabalhos em grupo;
- ✓ do método socioconstrutivista adotado nas escolas, ao lado da visão de educação de Paulo Freire;
- ✓ da aprovação automática;
- ✓ dos problemas de indisciplina na sala de aula (resultado de uma sociedade que não respeita as autoridades);
- ✓ e do bullying praticado contra aqueles que querem estudar.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

3. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>